



CARLOS GALVÃO KREBS ELUCIDANDO UM RIO GRANDE DO SUL ESCRAVOCRATA E AFRO-RELIGIOSO

NATHALIA CARDOSO VELASQUES¹; VINICIUS PEREIRA DE OLIVEIRA²

¹*Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Visconde da Graça – nathicarvel@gmail.com*

²*Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Visconde da Graça – viniciusoliveira@ifsul.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Os últimos recenseamentos efetuados pelo IBGE mostram o Rio Grande do Sul como o estado mais afro-religioso do Brasil (ORO, 2012; WISSMAN et al. 2021). Esses dados tornam-se surpreendentes pois, apesar do estado ter recebido escravizados desde a primeira metade do século XVIII para trabalhar na agricultura, nas estâncias, nas cidades e, principalmente a partir de 1780, na produção do charque (ORO, 2002), sempre produziu ao longo de sua história uma autoimagem de ser um estado branco, cristão, colonizado e habitado por imigrantes europeus, deixando de fora desse contexto os negros e indígenas (ORO, 2008).

Para diminuir essa lacuna ainda existente entre a história de um estado afro-religioso, escravocrata, e a visão da população gaúcha e brasileira a seu respeito enquanto uma área de brancos, cristãos e habitada somente por imigrantes europeus, foi preciso trabalhos de pesquisadores e disseminadores de informação como Carlos Galvão Krebs. Este trabalho tem como objetivo mostrar a contribuição do referido pesquisador para diminuição dessa lacuna.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir do acervo pessoal do Carlos Galvão Krebs, ao qual se teve contato pelo projeto de pesquisa “Agô: uma análise histórica sobre as religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul - séculos XIX e XX” (Registro IFSUL/PROPESP PE09220722/044).

Dentre o acervo pessoal do Carlos Galvão Krebs foram analisadas, especificamente, as correspondências trocadas por ele com diversos amigos, pesquisadores e colaboradores no período de janeiro de 1949 a abril de 1958, totalizando 106 correspondências. Complementarmente à esse material, para embasamento teórico, foram realizadas pesquisas bibliográficas na plataforma google acadêmico com as seguintes palavras-chave: Carlos Galvão Krebs; escravidão no Rio Grande do Sul.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das correspondências analisadas, foi possível traçar a trajetória de pesquisa de Carlos Galvão Krebs e sua contribuição para a história afro-gaúcha.

1. Formação: Krebs era gaúcho, formado em Direito, Geografia, História, Didática e Artes Plásticas. Atuou como jornalista militante, colaborando com diversos jornais e revistas de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Em uma viagem à Bahia, em janeiro de 1948, iniciou seus estudos sobre a etnografia religiosa nos candomblés baianos (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, 02.04.1953).



2. Começo dos estudos: no Rio Grande do Sul seus estudos iniciaram dentro de um vasto e quase “virgem” campo de exploração, começando por registros sistemáticos dos batuques porto-alegrenses, correlacionando-os com o Xangô (Pernambuco), o Candomblé (Bahia) e a Macumba (Rio de Janeiro). Posteriormente Krebs optou por aprofundar sua pesquisa em seis casas de nação, das 178 existentes em Porto Alegre em 1951 (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, 22.05.1950, 02.04.1953 e 04.06.1953).
3. Documentos e materiais coletados e organizados: Durante sua pesquisa, reuniu uma coleção de fotos documentais e slides coloridos, abrangendo cerimônias públicas e privadas (secretas) dos rituais negros em Porto Alegre. E ainda, gravações de rezas, pontos cantados em jeje-nagô e em português. Também adquiriu uma coleção estatuária afro-brasileira, de caráter religioso (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, 10.11.1954). De acordo com Pernambuco (2019), Carlos Galvão Krebs talvez tenha sido o pesquisador que mais documentou as cerimônias de matriz africana no RS, construindo um valioso arquivo.
4. Trabalho de campo: observações, diários de campo, participações em eventos científicos e escrita em jornais e revistas da época. Com todo esse material resultante de sua pesquisa começou a participar de congressos e conferências por todo o Brasil e a publicar reportagens e artigos em revistas de diversos estados. E através dessas atividades, mostrou um Rio Grande do Sul “negro” que muitos não conheciam, até mesmo os gaúchos, como é possível verificar na escrita de Valladares à Krebs:

Sua coluna no Diário de Notícias é realmente um atestado de como você soube aproveitar seu contato com o mundo afro-baiano. Provavelmente seus conterrâneos ficarão surpresos com a existência de tantas coisas afro-gaúchas. (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, Carta de José Valladares 17.01.1953)

E, em trocas de correspondências com José Osório de Oliveira e Érico Veríssimo, Krebs descreve o sucesso científico das projeções do seu acervo e o quanto ele é revelador de que o Rio Grande do Sul não é um estado “branco”:

Após encerrar-se o congresso de folclore, foi instalado também em São Paulo o XXXI Congresso Internacional de Americanistas, do qual fui membro efetivo. Durante suas sessões no ramo de estudos afro-americanos, tive oportunidade de projetar para os especialistas uma série de quarenta e cinco slides coloridos, batidos por minha equipe de investigações aqui em Porto Alegre, em casas de culto afro-gaúcho, e que fixam desde as cerimônias secretas (sacrifícios de animais, sangue na cabeça dos crentes, etc.) até as cerimônias públicas. Pela revelação de que isso também ocorre no Rio G. Sul (julgado até a pouco o Estado mais branco do Brasil), pela qualidade da pesquisa e pela beleza das fotos, a projeção se constituiu um sucesso científico. (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, Carta de Carlos Galvão Krebs, 08.09.1954)

No Rio, Augusto Meyer, Armani Fornari, José Honório Rodrigues, Edson Carneiro e todos a quem mostrei o que levei comigo, ficaram espantados, horrorizados e interessados, ninguém imaginava que tudo isso existisse aqui no sul. (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, Carta de Carlos Krebs 29.07.1953)



E, por fim, no agradecimento de Silveira Bueno aos esclarecimentos de Krebs acerca da escravidão no Rio Grande do Sul:

Agradeço-lhe muitíssimo que me comunicou a respeito da escravidão negra no Rio Grande do Sul: sempre pensei que, não havendo aí os grandes focos das fazendas cafeeiras nem dos engenhos de açúcar, não houvesse existido o tráfico negro. (Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, Carta de Silveira Bueno, 20.11.1954)

4. CONCLUSÕES

Como afirmado no início do trabalho, a população brasileira sempre viu o Rio Grande do Sul como um estado colonizado por europeus, sem raízes negras. Trabalhos como de Carlos Galvão Krebs foram importantíssimos para mostrar que o RS não só foi um estado escravocrata, como também se tornou um dos estados mais afro-religiosos do país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acervo de Carlos Krebs, Correspondências, Pasta Assuntos Negros, período de 1949 a 1958
- ORO, A.P. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, v.9, n.13, p.9-23, 2008.
- ORO, A.P. O atual campo afro-religioso gaúcho. **Civitas**, Porto Alegre, v.12, n.3, p.556-565, 2012.
- ORO, A.P. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, v.24, n.2, 2002.
- PERNAMBUCO, A.O. A cultura religiosa negra no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.35, p.21-38, 2019.
- WISMANN, A.D.M et al. Trabalhadores do batuque: a carreira numa religião afro-gaúcha. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, 2021.